

Clique aqui, para acessar a edição atual!



POLÍTICA EDITORIAL – NORMAS PARA PUBLICAÇÃO – CONSELHO EDITORIAL – EDITORIAL – QUEM SOMOS – CONTATO
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGÜÍSTICOS – DIALETO CAIPIRA

- .: **Página Inicial**
- .: Agenda de Eventos
- .: Anais de Eventos
- .: Artigos
- .: Artigos de Iniciação Científica
- .: Colunas
- .: Dicas de Leitura
- .: Dossiê
- .: Ensaíes
 - .: Entrevistas
- .: Fototeca
- .: Lançamento de Livros
- .: Legislação Lingüística
- .: Livros
- .: Monografias
- .: Notícias
- .: Projetos
- .: (Re)Ler os Clássicos Hoje
- .: Reportagens
- .: Resenhas
- .: Sugestão de Material Didático
- .: Tradução de Textos
- .: Textos Literários
- .: Vídeos Didáticos
- .: Edições Anteriores

Veja também



Ceditec



Domínio Público



GEScom



GETerm

O PROFESSOR E AS REDES DO DIZÍVEL NO CIBERESPAÇO

Por Solange Mittmann (UFRGS)

Nos últimos anos, houve um aumento significativo de produção de textos nas áreas de Estudos da Linguagem e Educação abordando aspectos sobre o hipertexto e o trabalho com a internet. São tentativas de teorização sobre algo que clama não só por interpretações, mas por novas práticas dos sujeitos envolvidos com as questões de tais áreas. Afinal, a presença da internet no cotidiano, impondo novas formas de produção, circulação e leitura de textos, tem exigido dos profissionais em geral, e dos professores em particular, atenção para esses gestos de inscrição nas relações e práticas sociais.

A imagem de texto como uma unidade com início, meio e fim, dotado de coesão e coerência, que há tanto tempo sustenta o trabalho de leitura e produção textual em sala de aula, desmorona diante do hipertexto. E em seu lugar, são justamente a heterogeneidade e a contradição que se manifestam através dos links, do entrecruzamento de dizeres, da falta de bordas. Não é possível perceber tais fatores simplesmente como “erros” que exigem correção, ajuste, normatização. É preciso considerá-los parte do processo.

Nesse sentido, tem sido importante a colaboração dos analistas do discurso que têm como pressupostos que a heterogeneidade é constitutiva do discurso, a contradição é constitutiva da ideologia e a unidade (do texto e do sujeito) é efeito da relação língua-ideologia-inconsciente. Perceber a exterioridade não como algo para além do efeito de borda textual, e sim internamente, já que o não-dito é parte do dito, é fundamental para a reflexão sobre os discursos espalhados pelo ciberespaço.

O acesso a discursos variados, contraditórios faz com que o internauta se depare e se perceba laçado por um outro gesto de leitura, que não é aquele de aceitação de uma interpretação pré-estabelecida como se fosse verdade, que se sustentou por tanto tempo sobre o consenso de que a palavra está colada à realidade e de que a língua é instrumento de transmissão da realidade do pensamento do autor até o leitor. Ao contrário: a contradição explicitada pela internet exige do leitor posicionamentos diante daquilo que ele percebe como construção discursiva de um efeito de verdade.

E o professor tem papel fundamental nessa guinada para outras formas de interpretação que dêem conta do que por tanto tempo foi negado nas práticas de sala de aula. Afinal, quando o professor pergunta ao aluno o que o autor quis dizer, nada mais faz do que deslegitimar, sabotar, negar o próprio gesto de interpretação.



Institut Ferdinand de Saussure



Portal de Periódicos Capes



Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

Sendo assim, ou o professor fica numa posição de defasagem, perseguindo e impondo o sentido de um para um, considerando os outros sentidos como secundários, ou ele se adianta, trabalhando sobre a polissemia como constitutiva e não mais como acessória, tomando a metáfora como a própria possibilidade de fazer sentido e não mais como pendente de uma suposta denotação primeira, admitindo o equívoco como próprio da língua e não como erro a ser consertado.

O modo como se ensina a ler em sala de aula interfere (ou sustenta, se considerarmos a sala de aula como formadora de sujeitos leitores) o modo de o sujeito encarar as interpretações já feitas da realidade. O velho imaginário trabalhado na escola, sobre o discurso como transmissão de informação e o texto como portador de mensagem, as velhas perguntas sobre o que o autor quis dizer levam ao efeito de verdade, de que discurso escrito é discurso incontestável, já que o texto é considerado aí reflexo da realidade.

Esse pré-construído é que sustenta a crença na isenção e na imparcialidade, por exemplo, do discurso jornalístico, justificando até mesmo o nome da área: comunicação ou informação. Ao fazer esquecer o processo de construção do fato pelo discurso, nega-se a possibilidade de perceber que o discurso poderia ser outro. Nesse sentido, o ensino tradicional da leitura tem sido aliado da grande mídia, que sempre primou pela manutenção das relações sociais, cristalizando uma memória, direcionando sentidos, fazendo esquecer outras possibilidades de interpretação.

O contato com discursos de diferentes “fontes” ainda é dificultado na maioria das salas de aula, geralmente em virtude do alto custo de uma assinatura de jornal ou revista, incompatível com o salário do professor e com o orçamento da instituição. Os projetos de inclusão digital, ainda a passos lentos, mancos, atravancados, muitas vezes trazendo consigo um rol de decepções, ainda trazem certas esperanças no que se refere à acessibilidade ao ciberespaço e tudo o que ele pode oferecer em termos de confronto de interpretações.

Tomo aqui o exemplo da notícia: o que não podia não ser de outro jeito que aquele imposto pelo poder das grandes mídias agora é contestado constantemente pelos outros dizeres em outros lugares e de outros modos. O acesso à internet permite chegar a discursos que contradizem os grandes jornais e revistas. Agência Subverta, Brasil de Fato, Caros Amigos, Carta Capital, Repórter Brasil, Repórter Social, De Olho na Mídia, Mídia sem Máscara, Observatório da Imprensa, esses são alguns exemplos de sites onde se discute a ontologia da grande imprensa, denunciando as práticas de jornalistas e seus patrões a favor da ideologia dominante. São discursos que fazem falar vozes lá silenciadas, apresentando fatos lá “esquecidos”, furando a saturação dos sentidos, possibilitando o aparecimento de sentidos outros, enfim, oferecendo lugar à interpretação.

A possibilidade de entrar nessa grande rede de significantes, fazendo circular vozes outras que não as parafraseadoras do discurso da ideologia dominante, tem permitido a divulgação de discursos antes limitados a redes menores, ou seja, a pequenas comunidades. Hoje é possível acessar páginas de movimentos como Via Campesina, Movimento de Mulheres Camponesas (MMC Brasil), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Atingidos por Barragens, Agência de Informação Frei Tito para a América Latina (Adital), Central Única dos Trabalhadores (CUT), Grito dos Excluídos entre outros. A ocupação desse espaço potencializa, portanto, o acesso a discursos de diferentes redes de dizeres pelo internauta.

Esse objeto de desejo que é a possibilidade de dizer e de fazer circular carrega consigo a luta pelo espaço, já que o ciberespaço tem dentro de si os mesmos conflitos sociais de fora dele: forças ideológicas em confronto. Se o discurso é materialidade da ideologia e se materializa pela língua no texto, pensar

esse espaço de conflitos, confrontos e alianças significa considerar a memória discursiva e o lugar social de onde se diz como determinantes da interpretação.

O lugar social ocupado pelo sujeito, a forma de identificação com uma posição ideológica, a posição de sujeito assumida, a relação com outras formações discursivas e a memória discursiva, tudo isso determina a interpretação de sentidos, seja na escrita, seja na leitura. E, portanto, deve ser considerado no contato com os discursos em rede.

Nessa perspectiva, o compromisso de ensino diante das novas tecnologias não pode ser o de reafirmar dizeres “prontos” ou confirmar consensos, pois é preciso desvendar os processos de produção e de imposição do que é tomado como evidência. Mais do que analisar o que parece evidente, é preciso levar o aluno a interpretar criticamente o processo discursivo da construção da memória de nossa história. E também a construir novas interpretações e novas práticas.

Discutir fatores relativos à internet significa, portanto, discutir as diferentes redes ali presentes: a rede do texto, como materialização lingüística do discurso, cujo efeito de bordas se complica diante do hipertexto; a rede do discurso, feito de fios de outros discursos, heterogêneo e contraditório; a rede de formações constituída de conflitos, confrontos, alianças, entrecruzamentos de formações ideológicas e formações discursivas, com a fortificação, o enfraquecimento ou, até mesmo, o esfacelamento de bordas; a rede da memória, esburacada pelos acontecimentos discursivos ou reafirmada pelas instituições, permitindo interpretar ou impedindo a interpretação.

Enfim, é a postura do professor – seu posicionamento, tomando o político como acessório ou como constitutivo – que vai determinar se a entrada da internet em sala de aula servirá para manter ou transformar as atuais relações sociais, para curvar-se à saturação de sentidos pela ideologia dominante ou furá-la possibilitando novos sentidos e novas práticas.

Professora da UFRGS, coordenadora do Projeto de Pesquisa Redes de memória: contato entre discursividades contemporâneas, com apoio PIBIC/CNPq-UFRGS, e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso – GEPAD-RS.

Todos os textos aqui publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - *Campus* São Carlos
Rodovia Washington Luís (SP-310), Km 235
São Carlos - São Paulo - Brasil
CEP 13565-905

Telefone: (16) 3351-8358 (Departamento de Letras)
E-mail: linguasagem@gmail.com